

O que
cabe na
bolsa?

Arquivo pessoal



Para Júlia, é essencial sempre ter seu iPad e fones de ouvido

Dentro do acessório, mais do que objetos,
as mulheres carregam consigo papéis,
rotinas, sobrecargas e afetos,
da juventude à maturidade

POR GIOVANNA RODRIGUES*

Celular, batom, remédio, carregador, chaves. À primeira vista, o conteúdo de uma bolsa feminina pode parecer apenas uma soma de objetos cotidianos. Mas basta abrir o zíper para perceber que ali existe muito mais do que itens utilitários: há fases da vida, jornadas de trabalho, maternidade, vaidade, prevenção, independência financeira e até pequenos amuletos afetivos.

A bolsa acompanha deslocamentos diários, atravessa ônibus lotados, consultórios, salas de aula, plantões, encontros de última hora e visitas inesperadas. Ela pesa no ombro, ocupa o banco do carro, repousa ao lado da cadeira no restaurante. É acessório, mas também ferramenta. É moda, mas também estratégia. Em muitos casos, é o único espaço privado que a mulher carrega consigo no espaço público — um território íntimo que guarda desde documentos e remédios até segredos e símbolos pessoais.

“A bolsa funciona como um retrato das prioridades de cada uma. Ela revela se aquela mulher está mais focada no trabalho, no cuidado com a família ou se vive sob o peso da ansiedade de estar pronta para qualquer emergência”, explica a psicóloga

Alessandra Araújo. "Ver o que tem dentro da bolsa é entender quais são as ferramentas que aquela mulher considera essenciais para enfrentar o dia."

Entre livros e gloss, tablets e contas a pagar, remédios e chaveiros decorativos, cada história revela que a bolsa é, ao mesmo tempo, território íntimo e kit de sobrevivência. E, conforme a idade avança e os papéis sociais se transformam, o conteúdo também muda — às vezes diminui, às vezes dobra de volume, mas sempre comunica algo sobre quem a carrega.

Praticidade e autonomia

Geovanna Rangel, 19 anos, estudante de psicologia, sempre gostou de bolsas grandes. “Quanto maior, melhor”, diz. Na dela, cabem garrafa de água, sombrinha (item indispensável em Brasília), nécessaire, passe livre, celular, fone de ouvido, tablet, estojo, agenda, gloss, álcool em gel, óculos e seu “querido paracetamol”.

Ela passa cerca de cinco horas por dia fora de casa e utiliza transporte público para ir à faculdade, mas não anda com dinheiro em espécie — tudo está no cartão ou no celular. Organiza a bolsa com atenção porque, segundo ela, “se jogar perco tudo”. A limpeza acontece duas vezes por ano, no início de cada semestre. O item salva-vidas? “Meu fone de ouvido. De resto, posso esquecer qualquer coisa.”

Mas, recentemente, a dinâmica mudou. Geovanna teve um filho e hoje a bolsa que mais carrega não é a dela — e sim a do pequeno Lucca José. Fraldas, trocas de roupa, lenços umedecidos, pomadas, mamadeira e itens de higiene. A maternidade ampliou o volume e o peso das responsabilidades.

Arquivo pessoal



Geovanna arruma a bolsa com frequência